



**“JAMIE, PARE DE ESPERAR PERMISSÃO PARA SER VOCÊ.”:  
POSSIBILIDADES DE (RE)EXISTÊNCIAS EM ARTEFATOS CULTURAIS**

**“JAMIE, DEJA DE ESPERAR EL PERMISO PARA SER TÚ”. POSIBILIDADES  
DE (RE) EXISTENCIAS EN ARTEFACTOS CULTURALES**

**“JAMIE, STOP WAITING FOR PERMISSION TO BE YOU.”: POSSIBILITIES  
OF (RE) EXISTENCES IN CULTURAL ARTIFACTS**

*José Rodolfo Lopes da Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Aos 16 anos de idade Jamie decide se tornar uma *drag queen* e ir à sua formatura usando um vestido. Desdobramentos no cotidiano com a escola, amigas/os e família nos levam a refletir acerca dos saberes, olhares e relações que vimos (re)constituindo acerca das masculinidades, homossexualidades masculinas, práticas e espaços para aquelas/es que não estão em conformidade com a norma. Baseado no documentário *Jamie: Drag Queen at 16* - *Jamie: Drag Queen* aos 16 anos, em uma tradução livre -, o musical *Everybody's Talking About Jamie* - *Todo Mundo Está Falando Sobre Jamie*, em uma tradução livre - aposta na celebração da diversidade ao invés de sua classificação e inferiorização. Sujeitos LGBTTI+ constantemente passam por violências, físicas e simbólicas, mostrando a importância da representatividade nas produções culturais. Investimentos que oportunizam debates para (re)construção de olhares, saberes e imaginários estigmatizados. Busco discutir sobre o papel pedagógico de produções culturais me ancorando nas contribuições de Michel Foucault, da perspectiva pós-estruturalista, dos estudos feministas e de masculinidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artefatos culturais. Educação. Masculinidades. Identidades. (Re)construção.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do grupo de estudos e pesquisa em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED) na UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: [jrodolfoledes@hotmail.com](mailto:jrodolfoledes@hotmail.com)

## RESUMEN

A los 16 años Jamie decide convertirse en drag queen e ir a su graduación con un vestido. Los desarrollos en la vida cotidiana con la escuela, amigos y familiares nos llevan a reflexionar sobre los conocimientos, miradas y relaciones que hemos visto (re) constituir sobre masculinidades, homosexualidades masculinas, prácticas y espacios para quienes no se ajustan a la norma. . Basado en el documental Jamie: Drag Queen at 16, el musical Everybody's Talking About Jamie apuesta por la celebración de la diversidad en lugar de su clasificación e inferioridad. Los sujetos LGBTTI + experimentan constantemente violencia, física y simbólica, mostrando la importancia de la representatividad en las producciones culturales. Inversiones que brinden debates para la (re) construcción de visiones, conocimientos e imaginaciones estigmatizados. Busco discutir el papel pedagógico de las producciones culturales ancándome en las contribuciones de Michel Foucault, desde la perspectiva postestructuralista, desde los estudios feministas y de masculinidad.

**PALABRAS-CLAVE:** Artefactos culturales. Educación. Masculinidades. Identidades. (Re)construcción.

## ABSTRACT

At the age of 16 Jamie decides to become a drag queen and go to his graduation party wearing a dress. Developments in daily life with the school, friends and family lead us to reflect on the knowledge, looks and relationships we have been (re)constituting about masculinities, male homosexualities, practices and spaces for those who are not in conformity with the norm. Based on the documentary Jamie: Drag Queen at 16, the musical Everybody's Talking About Jamie bets on the celebration of diversity instead of its classification and inferiority. LGBTTI + subjects constantly experience violence, physical and symbolic, showing the importance of representativeness in cultural productions. Investments that provide debates for the (re)construction of stigmatized views, knowledge and imaginations. I seek to discuss the pedagogical role of cultural productions by anchoring myself on the contributions of Michel Foucault, from the post-structuralist perspective, from feminist and masculinity studies.

**KEYWORDS:** Cultural artifacts. Education. Masculinities. Identities. (Re)construction.

\*\*\*

## Introdução

O presente artigo é decorrente de alguns (re)encontros. Seja com a história de Jamie, a minha e a de tantos sujeitos LGBTTI+<sup>2</sup>. Também representa a potência da arte ao apostar na representatividade, tirar debates necessários da invisibilidade para que possamos (re)aprender sobre o “outro” e sobre nós mesmas/os. (Re)construir nossos

<sup>2</sup> A sigla apresenta variações e vem sendo ressignificada ao decorrer dos anos. Para este projeto a sigla LGBTTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Intersexuais) será adotada como forma de dar visibilidade a essas outras identidades de gênero e orientações sexuais. O sinal de + é utilizado como forma de incluir pessoas que não se sintam representadas pelas outras letras e indicar de que o processo de (re)construção da mesma não se finda.

saberes, olhares, vozes, culturas, sociedades e relações. O meu primeiro encontro com o musical *Everybody's Talking About Jamie* se deu através da rede social *Instagram*. Ao ver uma postagem sobre a produção me senti capturado. A história era sobre um adolescente que queria se tornar uma *drag queen* aos 16 anos e ir à sua formatura usando um vestido. Me encontrava no primeiro ano do mestrado em meio a leituras e reflexões que tensionavam acerca da potência dos artefatos culturais, seus investimentos e ações pedagógicas (FISCHER, 2002, 2008; LOURO, 2008a, 2008b; ELLSWORTH, 2001). Em meio ao contato com os textos e discussões vêm emergindo algumas inquietações. O que uma história pode (re)construir? Quais relações podem se estabelecer entre obra e público? Qual o compromisso da arte em uma sociedade em que tantos estigmas se mantém, engendrando violências físicas e simbólicas, levando ao não-acolhimento da família em muitos contextos para com aquelas/es que não estão em conformidade com uma suposta norma?

Ao sairmos da peça conversávamos, eu e mais dois amigos, sobre as nossas impressões. A história de Jamie nos gerou aproximações e particularidades em relação à narrativa. Desde o figurino, até a música, coreografia e riqueza nos diálogos, que carregam em si lições sobre aquilo que já foi visto, e ainda é em alguns contextos, de forma naturalizada: as violências que sujeitos LGBTTI+ comumente passam, os perigos a que são expostas/os, os olhares e saberes (re)construídos e às vezes mantidos. A história me atravessou de tal maneira que optei por comprar o roteiro, que era comercializado em formato de livro, no saguão do teatro. Venho desde então acompanhando as atualizações sobre a produção. No decorrer de quatro anos a montagem<sup>3</sup>, inspirada no documentário *Jamie: Drag Queen at 16*<sup>4</sup> vem passando por prorrogações, levando a história de Jamie a cada vez mais alcances como, por exemplo, uma adaptação na Coreia do Sul<sup>5</sup> e uma turnê pelo Reino Unido<sup>6</sup>. Dentre outras realizações a próxima é o lançamento do filme<sup>7</sup>, que leva o mesmo nome do musical.

<sup>3</sup> A produção teve sua estreia em 13 de fevereiro de 2017 no Teatro Crucible, em Sheffield, com uma breve temporada, encerrada em 25 de fevereiro do mesmo ano. Em 6 de novembro de 2017 o musical realizou a sua primeira performance no Teatro Apollo, em Londres. Devido a pandemia Covid-19, as apresentações do musical foram suspensas com alguns retornos pontuais.

<sup>4</sup> O documentário é uma produção da rede inglesa *BBC*, dirigido por Jenny Popplewell e foi lançado em 20 de julho de 2011.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.ouinperth.com/everybodys-talking-about-jamie-in-south-korea/>

<sup>6</sup> A turnê estava prevista para o ano de 2020, mas devido a pandemia Covid-19 ela foi reagendada para os anos de 2021 e 2022. Disponível em: <https://www.everybodystalkingaboutjamie.co.uk/2020-uk-tour/>

<sup>7</sup> Inicialmente o filme teve sua estreia marcada para 23 de outubro de 2020. Devido a pandemia Covid-19 o seu lançamento vem passando por adiamentos e até o momento não possui uma data oficial. Disponível em: <https://www.radiotimes.com/movies/everybodys-talking-about-jamie-release-date-disney/>.

A história de Jamie se aproxima da de diversos sujeitos para além de sua localização geográfica. Nos aponta as permanências e ressignificações de uma sociedade que comumente não abraça a diversidade, mas busca (re)construí-la e ensiná-la enquanto algo negativo, perigoso e que deve ser combatido. Ações que vêm sendo performadas, disputadas, negociadas, administradas e em constante (trans)formação. Saberes que (re)produzem verdades, sujeitos e relações em uma arena de disputas e negociações. Os documentário, musical e filme nos ensinam que sujeitos LGBTTI+ vêm comumente crescendo/se entendendo enquanto sujeitos em um mundo em que há limitadas referências legitimadas para aquilo que aprendemos a enxergar como sucesso e “ser normal”.

Isso faz com que não sejam estimuladas/os a questionar aquilo que está posto, mas sim buscar, a partir de processos disciplinares, o máximo de aproveitamento e docilização de seus corpos (FOUCAULT, 1999). Saberes conservadores, que servem a um modelo de sociedade e que são ensinados através de diversas instâncias como o Estado, família, a escola, a medicina, a internet, a televisão, o cinema e os canais de *streaming* com suas séries, filmes, documentários, dentre outras. Produções que contam histórias como a de Jamie também nos educam para (re)existir<sup>8</sup>, ser tão inventivas/os quanto aquilo que busca nos cercear, para que possamos nos distribuir estrategicamente e criar outras possibilidades (FOUCAULT, 1979). Com isso me questiono: quais histórias vêm sendo contadas? Quais investimentos se dão nas produções? É de reiteração ou subversão de uma suposta norma?

A abordagem teórico metodológica deste artigo dialoga com a perspectiva pós-estruturalista ao propor um método que entenda a pesquisa como um fazer contínuo, passível de (trans)formações. Dagmar Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012, p. 16) propõem a metodologia “como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações (...) e de estratégias de descrição e análise.”. Para este texto, também me (re)aproximei do objeto a partir da leitura de notícias, postagens nas contas oficiais das produções e entrevistas buscando não desvendar a verdade sobre as/os mesmas/os, mas problematizar como saberes, espaços, sujeitos e práticas vêm sendo (re)produzidos e emergindo em diferentes instâncias.

---

<sup>8</sup> Proponho pensarmos resistências a partir de Michel Foucault (1979, p. 241) não como uma substância ou essência, pois ela “não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea [...] Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele.”

### **Jamie: um menino que derruba muros e sai da escuridão para o holofote**

*“Eu não consigo me lembrar de um dia na minha vida que eu não tenha sido chamado de gay, ou diferente, ou uma aberração. Por que deixá-los vencer?” Jamie Campbell*

A frase que inicia essa seção é parte do documentário que conta a história de Jamie Campbell, um menino que em meio às violências cotidianas lutou para ser ele mesmo em Bishop Auckland, uma pequena cidade da Inglaterra. Relatos como o de Jamie ainda são comuns na vida de sujeitos LGBTTI+ que são constantemente interpeladas/os, como se fossem necessárias chancelas da cis-heteronormatividade para se expressarem e (re)descobrirem. A cis-heteronormatividade atua, através de normas, (re)produzindo a cisgeneridade e a heterossexualidade como as identidade de gênero e orientação sexual, respectivamente, naturais e legítimas. Concomitantemente ela (re)constrói a transgeneridade e as demais orientações sexuais como não desejáveis, anormais.

Segundo Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) esse projeto e investimento que é a cis-heteronormatividade está condenado ao fracasso pois ela só terá êxito quando for direcionada àquelas/es que estão suscetíveis. As reflexões da pesquisadora nos levam a pensar sobre os discursos falaciosos que setores conservadores habitualmente recorrem com a justificativa de “proteção às crianças”, que (re)construem uma educação violenta e direcionada àquelas/es que cruzam as porosas fronteiras de gênero e sexualidade. Dessa forma, até mesmo as crianças aprendem a governar e buscar controlar aquelas/es que fogem de um suposto padrão. Entretanto, para ela a bicha resiste, pois a “bicha não pode ser eliminada, ainda que se finja de morta, faça de conta que está em vias de ser eliminada. Quando menos se espera, ela desfaz os laços de fita que tentam aprisioná-la e se lança maravilhosa mundo afora. Uma existência de embates. De lutas. De estratégias.” (OLIVEIRA, 2017, p. 140).

No mesmo sentido Leticia Lanz (2014) coloca a cis-heteronormatividade sob suspeita, pensando-a não como algo neutro e natural, mas resultado de diferentes e contínuos processos que buscam legitimar alguns sujeitos e deslegitimar outras/os pois:

(...) a cultura produz e transforma a natureza e a biologia dos seres humanos, fazendo com que deixemos de ser “seres naturais” para nos tornarmos “seres culturais”, histórica, política e socialmente falando. A inscrição dos gêneros feminino ou masculino nos corpos é feita sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as

marcas dessa cultura, assim como as possibilidades de se expressar os desejos e prazeres também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. A diferenciação entre os gêneros, assim como o próprio gênero é, portanto, eminentemente fixada e definida por relações sociais. (LANZ, 2014, p. 47)

Aos 16 anos Jamie, em um ato de coragem, decide derrubar aquilo que impede sua passagem, seus olhares até então construídos. O “muro”, a fronteira que o separa daquilo que deseja, o que é entendido como sucesso, de uma engessada visão das masculinidades; do “ser homem”: se tornar uma *drag queen* e ir à sua formatura usando um vestido. Acompanhamos a jornada de Jamie, aprendemos com sua narrativa, vivenciada em um contexto que nem sempre se mostra acolhedor. Aprendemos que a sociedade, a escola, a mídia e a família podem se (re)pensar, (re)construir seus olhares, subjetividades, saberes e relações. Atravessamentos que me levam a questionar: por que incomoda um menino que decide explorar as porosas e imaginárias fronteiras dos gêneros? Esse menino, que desafia aquilo que é posto como o “natural”, precisa pedir permissão para ser?

Imagem 1: Imagem promocional do documentário sobre Jamie Campbell



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt2272884/>

Nascemos em um mundo (re)construído discursivamente e não discursivamente. Ou seja, tais práticas e linguagens já se encontram em exercício fazendo com que nos

tornemos sujeitos decorrentes dos mesmos (FOUCAULT, 2008). Tal perspectiva nos leva a refletir que aquilo que vivemos é resultado de diferentes processos, negociações, disputas e ações sobre ações. Nos faz pensar sobre a sociedade – binária e cis-heteronormativa - que estamos circulando, aquilo que vimos (re)produzindo, para quem e por quais motivos, como o “correto” e o “civilizado” para diferentes marcadores que perpassam categorias como gênero, sexualidade, raça, classe, geração, dentre outros. Assim, torna-se necessário “investigar os pormenores das transformações que estão ocorrendo nas máquinas, artefatos e dispositivos que, ao mesmo tempo que se transformam a si mesmos, transformam (diretamente) os sujeitos que tomam para si e (indiretamente) a sociedade.” (VEIGA-NETO, 2008, p. 147). Isso também nos implica pensar nas vestimentas como uma forma de regular, administrar e (re)produzir saberes, sujeitos e relações.

A história da indumentária apresenta mudanças e efeitos em nossa sociedade, experiências, valores e cultura. Aquilo que aprendemos a ver como o “natural” hoje pode ter sido/ser diferente em outro contexto social, histórico e/ou cultural. No decorrer dos tempos medievais não havia especificidades no traje infantil, sendo a roupa utilizada a mesma para todas as idades - com exceção de uma suposta hierarquia social. Durante a modernidade investiu-se, através de especialistas como médicos, educadores e saberes conservadores, na construção de uma infância frágil, que necessitava de cuidados e de disciplina. Se antigamente as crianças não eram separadas - meninos usavam vestidos e saias como as meninas - passa-se, no século XVIII, a investir em uma visão diferente da infância que não é mais tratada como um mini adulto (KERN; SCHEMES; ARAÚJO, 2010). As pesquisadoras também defendem a moda enquanto um sistema de significados, resultado dos valores da sociedade em cada época, interferindo nos costumes, educando e (re)construindo sujeitos e relações. Dessa forma, conseguimos enxergá-la para além de uma suposta neutralidade pois ela (re)organiza e (re)constrói noções de feminilidade e masculinidade, assim como de classe, geração, dentre outras.

A história de Jamie atua como um alerta para o como ainda lidamos com aquelas/es que transgridem normas, assim como nos mostra que é possível (re)construirmos nossos olhares quando nos colocamos à escuta e nossos saberes sob suspeita. Quando nos permitimos aprender com a história do “outro”. Também nos leva a refletir sobre a atuação de instâncias que vêm (re)construindo sujeitos LGBTTI+, quais saberes vêm atuando nessa (re)construção, tal como os estigmas e imaginários que

vêm sendo (re)produzidos. Sujeitos LGBTTI+, historicamente, vêm sendo tratadas/os como inimigas /os, sofrendo perseguições policiais e outras violências como, por exemplo, na ditadura civil-militar (TREVISAN, 2018; GREEN, 2012). Segundo João Silvério Trevisan (2018), a homossexualidade, a partir do final do século XX, se tornou mais uma vez alvo de falácias de um novo fundamentalismo político-empresarial. Acusada de decadência e esgotamento moral, tornou-se alvo de bancadas políticas compostas por evangélicos, ruralistas e católicos. O impacto gerado foi a ponto de o lucro/o mercado ditar, (re)construir e administrar a noção de moral. Como exemplo, Trevisan resgata o emblemático caso da novela *A Próxima Vítima* em que André Gonçalves, que interpretava uma personagem gay, foi alvo de ameaças de morte e agressões físicas.

Produções como *Everybody's Talking About Jamie* e *Jamie: Drag Queen at 16* investem em mostrar/legitimar/acreditar (n)a própria voz e não permitir que falem por você mesmo. Não assumir como verdade discursos e práticas que oprimem, diminuem e atuam violentamente. Jamie ensina e anuncia a possibilidade de (re)construir/disputar/negociar outros saberes, outras verdades. Em uma cena do musical, Jamie mostra a Pritti, sua melhor amiga, o par de sapatos altos de cor vermelho vibrante que ganhou como presente de aniversário. Ela, confusa, o pergunta se ele quer ser uma mulher. Jamie, entusiasmado, conta que seu desejo é se tornar uma drag queen. “Você acha que eu sou esquisito? Uma aberração?”, Jamie pergunta, preocupado, ao perceber Pritt titubear. “Você não é uma aberração. Eu só... Sim, eu acho estranho, mas eu acho que essa é a questão. Todo mundo acha que eu sou esquisita também. Eu sou uma menina muçulmana com um nome Hindu. Obrigado, mãe!”, ela comenta em um tom cômico. Em uma cena, a produção ensina sobre o que é ser uma *drag queen*, desnaturaliza/coloca sob suspeita padrões de masculinidade - assim como os de feminilidade, pensando relacionalmente - e mostra uma amizade em que se (re)constrói a escuta, o acolhimento e o incentivo a ser quem é.

Segundo Elizabeth Ellsworth (2001) as produções cinematográficas atuam na (re)construção da cultura, podendo reiterar uma suposta norma e/ou colocá-la sob suspeita. A pesquisadora defende que os filmes trabalham com hipóteses e investimentos, uma vez que as pessoas envolvidas têm uma ideia de quem é a/o espectadora/r e através das escolhas - conscientes e inconscientes - que também atuam no engendramento de sujeitos, saberes, sociedades, relações e culturas. Uma produção, podemos pensar para além do cinema, pode atuar na des/re/construção daquilo que está

posto como o “(a)normal”. Pode produzir um discurso que questiona/enfrenta/disputa/negocia/subverte ao invés de naturalizar o discurso opressor e preconceituoso que leva ao engendramento de saberes e outras violências que ainda não são vistas por alguns como tal. Pessoas que se sentem legitimadas em reproduzi-las com o argumento de que tais ações seriam apenas “brincadeiras sem maldade”. Para a pesquisadora o “modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito.” (ELLSWORTH, 2001).

Ainda nesse sentido, Graeme Turner (1997, p. 128) destaca o cinema não como um mero reproduzidor da realidade, mas como instância que representa, constrói “e ‘re-apresenta’ seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação.”. Dessa forma, tanto o cinema engendra saberes e a cultura como também é produzido e renovado pelos mesmos. Apostar nessa perspectiva também significa que somos capazes de mudar, nos (trans)formar, que não devemos reduzir violências à ordem “natural das coisas”, mas sim refletir acerca daquilo que é necessário retificar e/ou corroborar. É preciso dar nome àquilo que vêm sendo (re)produzido, as violências, as exclusões, mas também as rupturas, as (re)existências.

Desde a sua estreia, Jamie teve dois atores negros representando o papel. Layton Willians, responsável por interpretar Jamie em sua segunda montagem (a classe de 2019), teve sua estreia nos palcos em 28 de janeiro de 2019, enquanto Noah Thomas, que representou Jamie em sua terceira montagem (a classe de 2020), realizou a sua primeira apresentação em 6 de Janeiro de 2020. Representações ainda não tão comuns, mas que vêm, em meio a disputas e negociações, se resignificando/sendo resignificadas. Segundo Henrique Restier da Costa Souza (2017a, 2017b) homens negros são habitualmente representados de forma desumanizadora. O pesquisador percebeu, ao analisar músicas e imagens publicitárias, ensinamentos permeados por estereótipos e processos de subalternização. Saberes que associam o homem negro à brutalidade, potência enérgica animal, ao exótico, à irracionalidade, dentre outros.

Imagem 2: imagem promocional do musical com o ator John McCrea



Fonte: <https://www.instagram.com/jamiemusical/> (Acesso: fev. 2021)

Imagem 3: Imagem promocional do musical com o ator Layton Williams



Fonte: <https://www.instagram.com/jamiemusical/> (Acesso: fev. 2021)

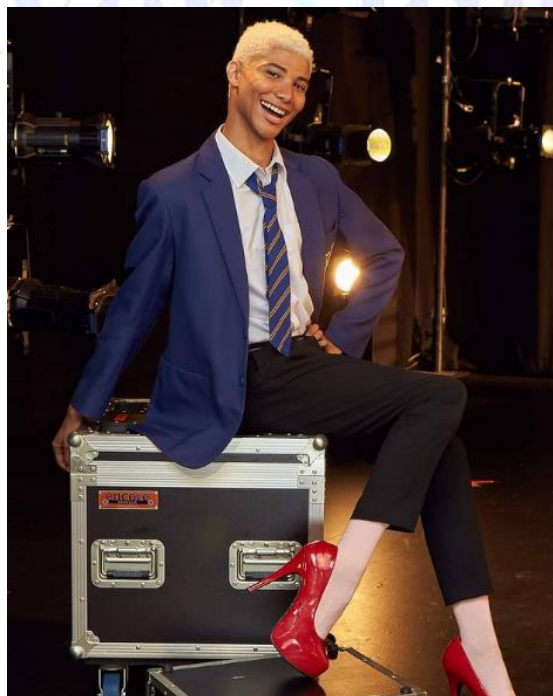
Imagem 4: Imagem promocional do musical com o ator Noah Thomas



Fonte: <https://www.instagram.com/jamiemusical/> (Acesso: fev. 2021)

Historicamente, seja na Inglaterra, no Brasil e/ou outros países, sujeitos LGBTTI+, têm sido habitualmente representadas/os de forma limitada e/ou capazes de romperem com lugares que foram criados para si. Trazer histórias, que ajam transgressivamente sobre saberes construídos acerca desses sujeitos, para o palco de um dos maiores circuitos teatrais do mundo, carrega lições. Instauram debates, questionam aquilo que seria “aceitável”, nos mostram também que em alguns momentos a liberação para todas/os não é vista por alguns como algo importante, necessário. Reafirmam ser preciso um trabalho contínuo, uma arena em que saberes estão dialogando, sendo ensinados, disputados e se (trans)formando. Em uma postagem da conta oficial do musical, na rede social *Instagram*, uma turnê do musical pela Austrália foi divulgada. Para o papel de Jamie foi anunciado o ator James Majoos. Um usuário, incomodado com a seleção comentou: “*Ah meu Deus. Jamie nunca foi negro. Por que temos que tentar fazer tudo diverso agora?*”. Em resposta ao comentário uma usuária o questiona: “*Todo Mundo Está Falando Sobre Jamie não deveria celebrar diversidade e diferença? Essas/es são fantásticas/os artistas.*”.

Imagem 5: Imagem promocional do musical com o ator James Majoos



Fonte: <https://www.instagram.com/jamiemusical/> (Acesso: fev. 2021)

Há um importante debate, já em curso há alguns anos, sobre a representatividade que vimos acompanhando nas telas, sejam elas de celulares, tablets, televisores e/ou

cinemas. Ter atrizes/atores representando personagens “distantes de suas realidades” era comumente visto como grande talento, alguém que havia conseguido passar a “verdade” sobre aquela narrativa, sujeito. Ao mesmo tempo era também visto como um tabu, uma vez que representar uma personagem homossexual e/ou “sair do armário” há alguns anos apresentava - e ainda apresenta em diversos contextos - outros sentidos e possibilidades, pois poderia acarretar um declínio na carreira. Entretanto, à época algumas escolhas possibilitaram debates e ressignificações o que não as isenta de algumas questões. Como exemplo podemos nos lembrar da personagem Júnior, interpretada pelo ator Bruno Gagliasso na novela *América*, em 2005. Júnior era um adolescente gay que desejava ser maquiador e estilista, mas sofria tentativas de controle por parte de sua mãe que buscava lembrá-lo do “seu lugar” enquanto homem. No final da novela, Júnior e Zeca, interpretado pelo ator Erom Cordeiro, iniciam um relacionamento. Um beijo chegou a ser gravado, mas não foi exibido levando a críticas à emissora. Um gesto simbólico, mas que olhares mais atentos percebem uma mensagem: o beijo não deveria ser algo público, mas sim invisibilizado, pertencente ao âmbito privado, levando mais uma vez a (re)construção da moral ditada pelo lucro/mercado e conseqüentemente da LGBTTI+fobia.

Há alguns anos parte da comunidade LGBTTI+ vem aumentando suas vozes, questionando imaginários perpetuados, a redução de suas identidades a estereótipos e a falta de oportunidades geradas, uma vez que as/os beneficiadas/os ainda eram habitualmente pessoas cis, brancas e heterossexuais. “*Ser representado por alguém que se parece com elas/es é especial. É realmente algo importante.*”<sup>9</sup>, comentou Layton Williams em uma entrevista sobre a importância da representatividade, de pessoas poderem olhar para o mundo como um lugar que elas/es pertencem/fazem parte. Ao ser questionado sobre sua experiência, enquanto um ator gay e negro, em conseguir papéis, o intérprete de Jamie admite percalços, “*Acho que é mais difícil. Nós podemos receber papéis estereotipados em alguns contextos. Eu sinto que tive muita sorte de fazer papéis diferentes, especialmente no palco, e fazer ‘papéis brancos’ que você não pensaria que seria capaz de representar.*”.

O relato de Layton nos mostra marcas de uma cultura e sociedade que vêm sócio-histórico-culturalmente legitimando alguns em detrimento de outras/os. Também nos leva a refletir sobre a potência/papel pedagógico/lugar que buscamos (re)construir

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.gaytimes.co.uk/originals/layton-williams-interview-meet-the-new-star-of-everybodys-talking-about-jamie-whos-making-history/> (Acesso: fev. 2021)

para a arte. Assistir a um musical, uma série, uma novela, ler um livro, enfim, ter contato com outras histórias também é parte do nosso processo de (re)constituição. (Re)construímos saberes, a nós mesmos e outras/os. Não abordar determinadas narrativas significa ignorar existências da nossa sociedade, (re)produzir processos de invisibilização, perpetuar violências como a LGBTTI+fobia, o racismo, o machismo, a misoginia, dentre outras.

### **Qual comprometimento uma produção deve ter ao contar/ensinar sobre uma história?**

*“É melhor vocês se acalmarem. Tenho tentado chegar aqui o dia todo por causa dos seus irmãos e irmãs gays na prisão que me escrevem toda porra de semana pedindo sua ajuda e vocês não fazem nada por elas/es.”* Sylvia Rivera

A citação de Sylvia Rivera é parte de um inspirador, corajoso - e ao mesmo tempo devastador - discurso realizado em uma Manifestação do Orgulho Gay na cidade de Nova Iorque em 1973. Sua fala ocorreu, somente após muita insistência, em meio a vaias e zombarias. Sylvia Rivera, junto a Marsha P. Johnson, mulheres trans, latina e negra, respectivamente, são algumas figuras marcantes e precursoras do movimento de *Stonewall* - conhecido como um importante marco para a liberação do movimento LGBTTI+. Em 2015 foi lançado o longa metragem *Stonewall: Onde O Orgulho Começou*. Entretanto, o filme apresenta algumas escolhas enviesadas de protagonismo. Para aquelas/es que não tiveram contato com a história de *Stonewall*, terão a impressão de que o protagonista da rebelião foi um homem gay, branco, cisgênero, loiro e de olhos claros. Não há um consenso em quem iniciou a revolta<sup>10</sup>, mas Marsha P. Johnson é retratada no filme como uma personagem secundária, enquanto Sylvia Rivera não é mencionada.

O diretor da película, à época, justificou<sup>11</sup> as escolhas dizendo que “*não havia feito o filme somente para gays*”, mas também para agradar heterossexuais, que se identificariam mais facilmente com o protagonista escolhido. A reação de parte do público foi de indignação uma vez que pessoas trans negras e latinas são reconhecidas como contribuintes do representativo movimento de 28 de junho de 1969 - mesmo não

<sup>10</sup> Uma resposta após sucessivas investidas violentas da polícia, que comumente invadia o bar *Stonewall Inn* de forma agressiva. Outra figura importante do movimento é Stormé DeLarverie, uma mulher lésbica, negra e *drag king*.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/shannonkeating/director-roland-emmerich-discusses-stonewall-controversy>

apresentando consenso sobre quem deu início à revolta. Foi criada uma petição online<sup>12</sup>, com mais de 25.000 assinaturas, contra o filme com a justificativa de embranquecimento, cis-heteronormativização da narrativa e invisibilização daquelas/es à frente do movimento. “*Não apóiem um filme que apaga a nossa história. Não assistam Stonewall.*”, diz o abaixo assinado. Em maio de 2019, véspera da comemoração de 50 anos de *Stonewall*, foi anunciado que estátuas serão erguidas em homenagem a Marsha e Sylvia. “*O movimento LGBTTI+ foi retratado em grande parte como um movimento de homens gays brancos. Este monumento vai contra essa tendência de embranquecer a história.*”, disse Chirlane McCray<sup>13</sup>, mulher negra, escritora, editora, ativista e casada com Bill de Blasio, prefeito da cidade. Ações que buscam reparar violências e (re)construir a história, saberes, sujeitos, relações e nos levam a questionar: qual comprometimento uma produção deve ter ao contar/ensinar sobre uma história?

Guacira Lopes Louro (2008) nos convida a pensar sobre diferentes ações pedagógicas que vivenciamos ao decorrer de nossa vida e atuam sobre o processo de (re)construção de nossas subjetividades. De forma contínua, contingente e porosa passamos por negociações, (nos) (re)construímos/somos (re)construídas/os enquanto sujeitos<sup>14</sup> através da escola, família, religião, o mercado de trabalho, o Estado, a medicina, as novelas, gibis, livros, propagandas, redes sociais, entre tantas outras. Esses diferentes processos (re)produzem não unicamente sujeitos, também atuam pedagogicamente ensinando sobre valores, saberes, condutas e modos de ser/estar em diferentes contextos. Quem se distancia do “natural” deixa de se enquadrar numa definição normativa de ser humano, não sendo, usualmente, de direito o acesso àquilo que deveria ser para todas/os: a educação pública e de qualidade, por exemplo.

Refletir acerca da educação de qualidade pede que nos dediquemos não somente no currículo oficial, mas também sobre ações cotidianas, aquilo que aprendemos a ver como a ordem das coisas; passemos a questioná-las e a nós mesmos/as. Torna-se necessário refletir qual educação vem sendo pensada, (re)construída e para quem. Para tal não há fórmulas universais. Considero importante que possamos problematizar as

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://unite.gsanetwork.org/petitions/boycott-2015-stonewall-movie?source=facebook-share-button&time=1438796354>

<sup>13</sup> Oficialmente o monumento deverá ser finalizado até o fim de 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/05/29/arts/transgender-monument-stonewall.html>

<sup>14</sup> Rosa Maria Bueno Fischer (2002) propõe que pensemos o sujeito como aquele que se encontra submetido ao outro, ou a si mesmo, se construindo e suas verdades enquanto imerso em diferentes práticas e espaços institucionais.

questões a partir de outras verdades, outros olhares ao nos debruçarmos sobre as ações cotidianas, os processos que vêm nos (re)constituindo enquanto sujeitos. O Brasil, mas não somente, é um país com fundações racistas, misóginas, machistas, LGBTTI+fóbicas. Um espaço em que saberes conservadores vêm sendo performados, reiterados e naturalizados, levando à (re)produção de violências, físicas e/ou simbólicas, assim como hierarquias, imaginários, à exclusão de sujeitos e a perpetuação de estruturas.

A história de Jamie nos mostra outra abordagem e investimento, pois aposta na celebração da diversidade pelo o que ela é, sem a necessidade de se adequar a uma norma, de passar por processos de higienização/assimilação. Investe na representatividade, levando a (re)construção de lugares que vêm sendo criados para alguns sujeitos. Nos mostra como esse engendramento pode ser uma dinâmica complexa e sistemática de instâncias como o Estado, a escola, a família, a religião, a mídia em nossa sociedade e relações de saber-poder.

Jonathan Butterell, o diretor da película, conta em uma entrevista<sup>15</sup> que o filme sobre Jamie apresentará uma lição até então não abordada na produção teatral. Em uma sequência, a película nos leva a uma viagem no tempo. Um momento da vida de Hugo/Loce Chanelle, uma das personagens que é uma *drag queen*/dono de uma loja de artigos para *drag queens*, na Londres do final da década de 1980, em meio à crise da epidemia HIV/AIDS e os protestos contra as diretrizes da Seção 28 do governo de Margareth Thatcher. A lei, existente entre os anos de 1988 e 2003<sup>16</sup>, determinava que era proibido “promover intencionalmente a homossexualidade ou publicar material com a intenção de promover a homossexualidade” ou “promover o ensino em qualquer escola mantida sobre a aceitabilidade da homossexualidade como uma pretensa relação familiar”. A lei instaurou um clima de medo e pânico, silenciando e prejudicando o debate acerca das vidas e direitos de pessoas LGBTTI+. Uma relação de poder que busca atuar a partir do governo dos sujeitos, atua de forma produtiva, administrando, direcionando, conduzindo, ensinando, (re)construindo saberes, multiplicando discursos.

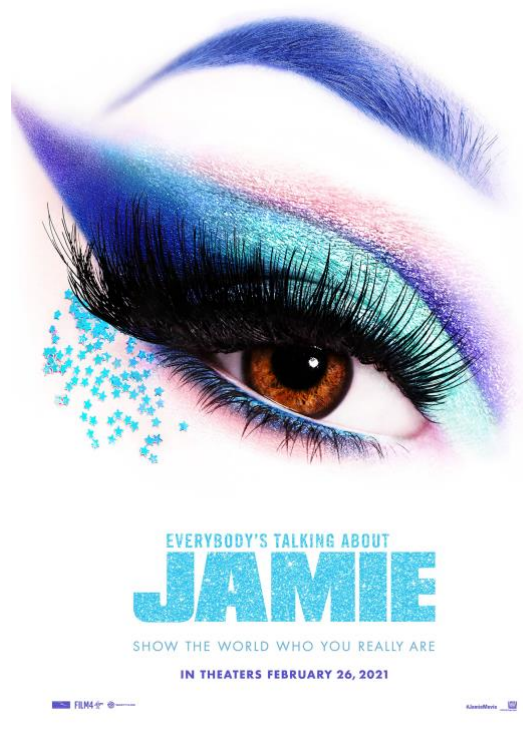
O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber,

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/news/everybodys-talking-about-jamie-film-new-song-b1789436.html> (Acesso: fev. 2021)

<sup>16</sup> Primeiramente, a lei foi revogada na Escócia, em 2000, e posteriormente, em 2003, no País de Gales e na Inglaterra.

produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p. 8)

Imagem 6: Pôster do filme



Fonte: <https://www.instagram.com/jamiemovie/> (Acesso: fev. 2021)

Ao comentar sobre a nova passagem Jonathan Butterell destaca a importância em resgatarmos/fomentarmos a história que vimos (re)construindo enquanto sociedade. *“O que Hugo tem a ensinar a Jamie é história. Ele tem que ensinar a uma criança queer que o que temos hoje é resultado de movimentos anteriores. Até mesmo a comunidade queer pode esquecer quais direitos eles têm agora devido a luta de outras pessoas.”*. A fala do diretor evidencia um processo pedagógico, ético, estético e político capaz de construir outros olhares sobre aquilo que vem nos (re)construindo. Também nos leva a questionar por quais motivos algumas histórias não são contadas/são contadas a partir de olhares que buscam deslegitimar alguns sujeitos, manter estruturas. O que é ensinado como proteção? E as crianças que não se enquadram em uma suposta norma, os pais que não aprenderam a lidar com o que aprenderam a ver como “diferente”, a escola, ..., quais discursos e não discursos vêm se penetrando em nossas relações, tornando-se verdades em meio a um cenário de intenso conservadorismo,

produzindo violências físicas e simbólicas que comumente são vistas como algo que meninos fazem, que LGBTTI+ não precisam “chamar tanta atenção”?

Anderson Ferrari (2005) em sua tese de doutorado defende os grupos gays como espaços educativos para (re)construção das “verdades” sobre a homossexualidade, o homossexual - frente ao estigma (re)produzido -, atender ânsias e demandas da comunidade. Ainda que destaquemos a importância desses grupos para acolhimento e pedagogização desses sujeitos, para a (re)construção de um olhar sobre si, isso também me leva a questionar seus possíveis motivos. Onde esses assuntos não vêm sendo abordados ou como eles vêm sendo tratados? A escola e outras instâncias ao ignorar dimensões como o gênero e a sexualidade - temas transversais - excluem as experiências de sujeitos, não legitimam suas existências e não atuam no combate ao preconceito e outras violências. A exclusão também nos faz refletir sobre o pensamento político do tempo que vivemos, uma vez que enquadrar um grupo como “normal” ou “desviante” é um posicionamento político. Um poder que busca discriminar e classificar, se manifestando em ações - justificadas e diferenciadas contextualmente. Ela deixa de se (re)pensar e atuar enquanto espaço seguro. Ela investe em uma sociedade em que a heteronormatividade é o natural, o desejável.

Aprendemos a estabelecer relações entre sexualidade - verdade - identidade, fazendo com que consideremos nossas práticas, emoções, desejos como nossas “verdades”. Tais instâncias também são espaços em que há confrontos, negociações e disputas que levam a (re)construção de seus sujeitos (FERRARI, 2010). Dessa forma, valem reflexões e ações acerca de debates e atividades que busquem diversas representações e possibilidades. Não como uma forma de diminuição do futebol, por exemplo, mas de valorização e expansão de outras. Legitimação e (re)produção de outros discursos, sujeitos, saberes e possibilidades. Judith Butler (2015) nos convida a refletir acerca das normas sociais, um terreno de disputas, negociações e tensionamentos, e suas ações sobre os sujeitos:

Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente [...]. Os esquemas normativos são interrompidos um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo de operações mais amplas do poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer. (BUTLER, 2015, p. 17).

As produções culturais LGBTTI+ habitualmente são alvos de saberes e discursos conservadores que buscam enquadrar algumas/ns enquanto patológicas/os. Em uma postagem no *Instagram* da *20th Century Studios*, o estúdio que comercializa/viabiliza a película, alguns comentários conservadores, buscam, em uma relação de forças, deslegitimar a produção e a história de Jamie. “*Pare de tratar de forma romântica um problema de saúde mental tão sério. Essas pessoas precisam de ajuda.*”, disse um usuário. Outro também de forma preconceituosa relaciona a arte *drag* com o fim do mundo “*Uma das emergências do Dia da Ressureição é o número de mulheres se tornando homem e o de homens se tornando mulher o quanto mais isso acontece, mais o fim se aproxima.*”.

A construção deste arquétipo se dá a partir de diversos investimentos, desde “o anúncio do sexo” e perpassa nossa vida através de múltiplos processos, elementos discursivos e não discursivos. Os chás de revelação, as roupas escolhidas, os brinquedos, desenhos, brincadeiras, atividades ao decorrer da vida como o ballet e o futebol, os discursos fundamentalistas, médicos, machistas, misóginos e LGBTTI+fóbicos, dentre outras, são comumente selecionados de forma a nos organizar como sujeitos binários, em um entendimento em que “*meninos vestem azul e meninas vestem rosa*”, “*meninos são naturalmente agressivos e meninas são delicadas e indefesas*”, dentre outras falácias essencializantes.

Os elementos discursivos e não discursivos são diversos e permitem identificar pensamentos e saberes conservadores. Buscam legitimação através de contextos anteriores e atuais, sustentados por ações pedagógicas em diferentes espaços educativos da nossa sociedade que vem sendo polarizada. O sociólogo Ruud Koopmans (2004) defende, a partir da relação valor notícia, que a disseminação de um assunto decorre da interação entre três fatores: legitimidade (grau de aceitação ou consenso), ressonância (nível de reação) e visibilidade (extensão). Para Koopmans, o nível de polêmica e polarização estão relacionados ao valor que a mensagem apresenta e sua visibilidade, de modo que determinados assuntos circulam através de meios de comunicação alcançando o status de discussões públicas, (re)produzindo saberes, relações, sujeitos, práticas e espaços. Como afirma o sociólogo Karl Mannheim: “O pensamento conservador autêntico tem sua relevância e sua dignidade baseadas em algo mais do que a mera especulação, baseadas no fato de que atitudes vitais desse tipo ainda sobrevivem em vários setores da nossa sociedade” (MANNHEIM, 1980, p. 125-126).

Agustín Cueva (1989) explica que a década de 1970 foi um período no qual se vivenciou *tempos conservadores*. Uma parcela da intelectualidade, no Ocidente e na

América Latina, engendrava pressupostos conservadores em suas produções. Em meio a avanços e recuos, o conservadorismo vem se manifestando como uma forma de pensamento e ação pretensamente despolitizadora de sua população, levando a uma aproximação e produção de subjetividades que dialogam com violências como o racismo, o nazi-fascismo, a LGBTTI+fobia, o machismo e a misoginia. Junto a momentos de crise, altas taxas de desemprego e pobreza, o conservadorismo tende a ganhar mais força, produzindo naturalizações e criminalizações sociais. Um dos efeitos que se rotinizam dessa marginalização vem sendo uma busca de recuperação/construção de autoestima nas relações com as religiosidades – que podem ter seus movimentos intimamente ligados com o conservadorismo.

## Identidade

*“Nós enquanto pessoas LGBTTI+ não crescemos como nós mesmas/os, crescemos interpretando uma versão de nós mesmas/os que sacrifica a autenticidade para minimizar a humilhação e o preconceito. A enorme tarefa de nossa vida adulta é descobrir quais partes de nós mesmas/os somos realmente nós e quais partes criamos para nos proteger.”* Alexander Leon<sup>17</sup>

O excerto que dá início a esta seção é de uma publicação na rede social *Twitter* do ativista LGBTTI+ Alexander Leon. Dentre as reações da plataforma a postagem teve 194.400 curtidas, 54.000 republicações e 4.688 comentários. A postagem mostra alcance, aproximações e a oportunidade de um debate necessário. Nascemos em mundo pautado pela cis-heteronormatividade em que as fronteiras são (re)construídas, demarcadas, administradas e reiteradas. Comumente aprendemos a (nos) ver com tais lentes, (re)construímos “gostos pessoais”, identidades, passamos a enxergá-las e entendê-las com tamanha naturalidade. Concomitantemente também aprendemos a nos posicionar/regular/docilizar e aquelas/es que buscam (re)construir para si caminhos além de supostas fronteiras. Dessa forma, questiono: sujeitos LGBTTI+ têm a oportunidade, o apoio, a educação e os investimentos para fazer escolhas como a de Jamie - ser quem desejamos ser? Por que alguns buscam controlar e docilizar um menino que busca ser/experimentar/explorar/(re)descobrir(-se) e não se incomodam com um pai ausente e homofóbico, uma professora que em alguns momentos

<sup>17</sup> Disponível em: [https://twitter.com/alexand\\_erleon/status/1214459404575100928](https://twitter.com/alexand_erleon/status/1214459404575100928)

deslegitima os desejos e aspirações de suas/seus alunas/os e colegas de classe que (re)produzem violências em um ambiente que mostra potência para subversão dessas violências? Como (re)construímos, e em meio a que possibilidades, nossas identidades?

A construção das identidades não se dá por encerrada, é algo em constante tensionamento e negociação. Processos que apresentam plasticidade, porosidade e estão sujeitos à contingência sendo a identidade “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Apostar nessa perspectiva faz com que nos distanciemos de proposições essencialistas, que buscam nos enquadrar em categorias engessadas nas quais algumas coisas são permitidas e outras proibidas, por não serem legitimadas como aquilo que supostamente deveríamos ser, e passemos a enxergar as identidades como produzidas “historicamente por relações de saber-poder e de dispositivos sociais, econômicos e culturais” (FOUCAULT, 1988, p 64). Ao indicar que sujeitos LGBTTI+ não crescem como si mesmos Alexander Leon nos leva a refletir sobre esse processo que vêm se engendrando/sendo engendrado há anos, de formas variadas e em diferentes contextos, não de uma forma natural, mas sim através de diferentes investimentos da sociedade e seus setores como a medicina, as leis, a escola, a religião, dentre outros.

Kathryn Woodward (2000) se aproxima das mesmas proposições ao pensar na construção da identidade e da diferença. Para ela, é através da linguagem e dos sistemas simbólicos (a que estão submetidas) que as identidades passam a ter significado. Outra defesa da pesquisadora é que a identidade depende da diferença, se marcando/produzindo/administrando e mantendo tanto na afirmação quanto na exclusão. Torna-se necessário (re)marcar fronteiras para que se sustente as supostas metanarrativas que circundam as fronteiras identitárias, que atuam sobre a (re)construção de saberes, sujeitos e relações. Percebemos que tais fronteiras habitualmente levam a (re)produção/se desdobram em diferentes camadas de violências físicas e simbólicas.

Isso se dá, por exemplo, quando a professora, o pai e o colega de Jamie tentam discipliná-lo seja pela escolha da indumentária para a formatura (e para o dia-a-dia), pelos seus trejeitos e por aquilo que ele almeja enquanto profissão, tornar-se uma *drag queen*. Dessa forma, podemos nos perguntar: quantas vezes sujeitos LGBTTI+, assim como Jamie, precisam pedir permissão apenas para existir? Quantas violências estamos submetidas/os em meio a argumentos falaciosos, discursos que produzem, em meio a

supostas “brincadeiras”, entendimentos e olhares acerca do que se encontra em nosso cotidiano? Qual o papel da educação no enfrentamento dessas violências, na (re)construção dos sujeitos?

Suzana da Conceição de Barros e Paula Regina da Costa Ribeiro (2012) defendem o currículo enquanto (re)produtor de saberes que vai além da transmissão de conteúdos escolares. Para elas não há neutralidade nesse processo, pois o currículo também está implicado na (re)constituição de sujeitos, nos ensinando formas de ser, estar e olhar (n)o mundo. Ele nos (trans)forma enquanto cidadãos/ãos. Não apostar em uma educação que se proponha colocar sob suspeita a suposta naturalidade atribuída a cis-heteronormatividade e trazer outras formas de representatividade é reiterar/legitimar a norma, as fronteiras, imaginários, estigmas e violências.

Constroem-se identidades, em que aprendemos a ver algumas/ns como normais, enquanto outras/os não. As autoras ainda defendem, com base no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), que a sexualidade, assim como questões sociais e/ou atuais devem estar presentes em debates realizados no âmbito escolar, pois são temas transversais, espalhados pelo corpo social, presente no cotidiano das/os estudantes, sendo, portanto, experienciados por elas/es. Torna-se necessário voltar nossos olhares para as ações cotidianas, aquilo que vimos aprendendo a enxergar como o “natural” para que possamos (re)construir outras possibilidades. Podemos pensar nas divisões de filas entre meninas e meninos; os brinquedos, brincadeiras, indumentárias e outras atividades demarcadas.

Durante uma cena do musical Jamie chega à escola na manhã seguinte de sua estreia como *drag queen* no clube local. Suas/seus colegas já se encontram em sala de aula com a professora e o assunto que toma conta da sala é a apresentação de Jamie. De uma forma geral, com exceção da professora e de um dos colegas, agem com entusiasmo e cantam alegremente, celebrando a nova fase de seu colega. A canção traz trechos como “*Todo mundo está falando sobre o menino em um vestido que nasceu para impressionar.*”, “*Todo mundo está falando sobre o menino com uma peruca porque ele vai ser marcante.*” e “*Todo mundo está falando sobre o menino que se libertou de sua gaiola.*”. Jamie veste, além do uniforme escolar, um grande lenço amarelo que ele usa para cobrir parte de sua cabeça e grandes óculos escuros. “*Sinto muito. Eu dormi demais, professora.*”, Jamie se justifica pelo atraso. “*Não, Jamie. Eu sinto muito que você de repente precisa ser o centro das atenções.*”, ela responde. “*Eu não sei do que você está falando, professora.*”, Jamie diz, retirando os óculos e

revelando gigantescos cílios cor de rosa. “*Jamie New, você sabe muito bem que maquiagem como essa é contra as regras da escola.*”, ela contesta ao que Jamie logo refuta a informação “*Uniforme da escola para as meninas, professora. Mas se você verificar o código para os meninos, e eu verifiquei, não diz nada sobre maquiagem.*”.

A atitude de Jamie nos mostra coragem, o processo contínuo de (re)construção identitária e que é possível (re)existir e (re)construir nossos olhares, até mesmo sobre nós mesmas/os. Segundo Kathryn Woodward (2000) o processo de (re)construção identitária se dá de forma relacional. Vivemos em uma sociedade binária em que a cis-heteronormatividade ainda é tida como o caminho natural, do sucesso. Meninos vão sendo constantemente lembrados que o lugar que devem pertencer é outro, distante daquele construído para a infância, o feminino e a homossexualidade (BADINTER). Ao mesmo tempo também temos a professora que (re)constrói para si a identidade enquanto docente como aquela/e que disciplina e busca resgatar aquelas/es que desviam do caminho do sucesso. Entretanto, ao analisarmos as mudanças históricas e contribuições do feminismo negro, como a teoria da interseccionalidade percebemos que falar de identidade enquanto um bloco engessado não é possível e (re)produz invisibilidades.

Djamila Ribeiro (2017) defende o debate de pautas sociais a partir de um olhar interseccional para “que fuçamos de análises simplistas ou para se romper com essa tentação de universalidade que exclui.”. Kimberlé Crenshaw (2002) e Sirma Bilge (2009) nos possibilitam pensar acerca da complexidade das identidades e desigualdades sociais ao proporem o conceito de interseccionalidade. Seria uma maneira de buscar compreender como ações e políticas específicas levam a sistematização da (re)produção múltipla de sistemas de opressão que operam a partir dessas categorias, levando a (re)produção das desigualdades sociais. Tais ações não dizem, entretanto, de uma ausência de saber. A ignorância e as violências físicas e simbólicas surgem como efeito de tipos de conhecimento, não de uma suposta “neutralidade”. Surgem da criação de uma norma – comumente o sujeito cristão, cisgênero, branco, heterossexual – e processos que ensinam e enquadram aquela/e que se distancia da mesma como a/o “anormal”, a/o inferior, passível de violências, assim como criação, perpetuação e administração de saberes, sujeitos, espaços e relações.

### **Considerações finais**

Histórias como a de Jamie são comuns. Ela nos incita aproximações, permanências, rupturas e questões. Explicita a violência cotidiana e naturalizada, tratada

comumente como brincadeiras e/ou piadas, que pode ser (re)produzida na/pela família, escola, Estado, dentre outras instâncias. Trata dos/questiona os padrões de gênero, estabelecidos por uma sociedade binária e cis-heteronormativa em que homens e mulheres são (re)construídos em meio a diferentes e constantes investimentos, desde o anúncio do “sexo” levando ao engendramento de seus corpos, olhares e saberes até que se tornem o “mais natural possível”. Mas Jamie também nos mostra que é possível (re)existir, (re)construir(-se) para além do que está posto. Assim como apostar na representatividade e no debate de pautas comumente invisibilizadas.

Como Elizabeth Ellsworth (2001) nos aponta, as produções cinematográficas possuem um modo de endereçamento, algo que não possui uma regra, pois é algo particular, ligado a relação estabelecida entre público e obra. A pesquisadora defende a potência estética, ética e política das películas, mas também podemos estender tal processo educativo para outras produções culturais e áreas da sociedade (LOURO, FISCHER) como a religião, a família, a escola, as séries, novelas, espetáculos, dentre outros. Ao pensar que somos educadas/os e educamos não somente na escola, mas em diferentes instâncias do nosso cotidiano devemos lembrar que mundo é esse que nos ensina e (re)constrói suas relações e saberes. Uma vez que vivemos em uma sociedade que vêm (re)construindo a cis-heterossexualidade enquanto natural, portanto supostamente superior, produções como a de Jamie, e tantas outras, mostram-se como oxigênio trazendo tensionamentos, visibilidade e legitimidade a discursos que não devem ser distorcidos, tratados de forma banal. Sujeitos LGBTTI+ vêm comumente sendo, sócio-histórico-culturalmente invisibilizados, levando a uma (re)construção, administração e manutenção da LGBTTI+fobia.

A história de Jamie me leva a pensar sobre a citação de Michel Foucault (1995, p. 239) quando ele propõe que possivelmente “o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos”. Penso que recusar aquilo que somos pode ser um investimento contra aquilo que vimos sendo ensinados e naturalizando, pois possibilita nos separar de pressupostos essencializantes, saberes e práticas - LGBTTI+fobias, racistas, machistas, misóginas, dentre outras - que vêm se espalhando por nosso campo social, (re)construindo sujeitos, relações, culturas e sociedades.

## Referências

BARROS, Suzana; RIBEIRO, Paula. **Educação para a sexualidade**: uma questão

transversal ou disciplinar no currículo escolar? *Revista de Enseñanza de las Ciencias*. 2012;11(1):164-187.

BILGE, Sirma. (2009), “*Théorisations féministes de l’intersectionnalité*”. *Diogène*, 1 (225): 70- 88.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

CUEVA, Augustin. (org.). **Tempos conservadores**. São Paulo: Hucitec, 1989.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Modos de endereçamento**: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRARI, Anderson. **Quem sou eu?** Que lugar ocupo? Grupos gays, educação e construção do sujeito homossexual. 226 p. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Programa de Mestrado em Educação. São Paulo, Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Eu sou gay. Legal! Né? – Tensionando as relações entre as homossexualidades e escolas**. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 547-564.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

\_\_\_\_\_. **Quando os Meninos de Cidade de Deus nos Olham**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 33, n.1, p. 193-208, jan./jun. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1.** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREEN, James. “**Quem é o macho que quer me matar?** – homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970”. Revista Anistia Política e Justiça de Transição, Brasília, Ministério da Justiça, p. 58-93, n. 8 (jul. – dez. 2012).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

KERN, Monica T.; SCHEMES, Claudia; ARAÚJO, Denise C. A Moda Infantil no Século XX: Representações Imagéticas na Revista Do Globo (1929-1967). **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 14, n. 2, p. 399-427, 2010.

KOOPMANS, Ruud. **Movements and Media:** Selection Processes and Evolutionary Dynamics in the Public Sphere. *Theory and Society*, v.33, n.3/4, 2004, p.367-391.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 342 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Mestrado em Sociologia. Curitiba, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e Sexualidade. **Educação e Realidade**. Vol. 33, n. 01, PP. 81-98, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade:** pedagogias contemporâneas. Pro-  
Posições(Unicamp). Campinas, SP, v. 19 (2), p. 17-23, 2008b.

MANNHEIM, Karl. **O pensamento conservador.** In: MARTINS, José de Souza (org.) *Introdução crítica à Sociologia Rural.* São Paulo: Hucitec, 1980. p.77-131.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente:** (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 190 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Programa de Doutorado em Educação. Curitiba, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Crise da Modernidade e inovações curriculares:** da disciplina para o controle. In: *Revista Sísifo.* Revista de Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, nº 7, set/dez, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Letramento Editora e Livraria LTDA, 2017.

SOUZA, Henrique Restier da Costa Souza. **Lá vem o negão: discursos e estereótipos sexuais sobre os homens negros.** In: 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 11, 2017. Florianópolis. Anais Eletrônicos... Florianópolis, 2017a. p. 1-12. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499020802\\_ARQ\\_UIVO\\_LAVEMONEGAOFINAL.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499020802_ARQ_UIVO_LAVEMONEGAOFINAL.pdf). Acesso: (abr. 2021).

SOUZA, Henrique Restier da Costa Souza. **King kong (o rei do congo): representações e estereótipos sobre os homens negro.** In: VI Colóquio Internacional de Estudos sobre Homens e Masculinidades. Anais Eletrônicos... Recife, 2017b. p. 1-15. Disponível em: [https://www.academia.edu/34890162/KING\\_KONG\\_O\\_REI\\_DO\\_CONGO\\_REPRESEN%C3%A7%C3%95ES\\_E\\_ESTERE%C3%93TIPOS SOBRE OS HOMENS NEGROS](https://www.academia.edu/34890162/KING_KONG_O_REI_DO_CONGO_REPRESEN%C3%A7%C3%95ES_E_ESTERE%C3%93TIPOS SOBRE OS HOMENS NEGROS). Acesso: (abr. 2021).

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4 ed. revista, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. São Paulo: Summus, 1997.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual.  
IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.

Recebido em fevereiro de 2021.

Aprovado em março de 2021.

Revista  
**Diversidade**  
e Educação